

### **O embate entre a essência e a aparência nas crônicas de Lara de Lemos**

Saete Nair Carletto Cousseau, UCS  
[saletecousseau@bol.com.br](mailto:saletecousseau@bol.com.br)

A literatura produzida por mulheres, em grande parte, ficou à margem dos estudos literários e, somente após o final do século XX, recebeu mais atenção da crítica. O cânone era constituído pelo olhar do sexo masculino e, conseqüentemente, a mulher não era valorizada como sujeito capaz de fazer arte literária.

No Brasil, as mulheres escritoras, invisíveis antes da década de 1970, sofreram as influências de uma organização social, cujos paradigmas tinham o homem como sujeito universal. Desse modo, na literatura como na vida, os papéis sociais e a condição geral das mulheres têm sido construídos a partir de um conjunto de valores e uma ética previamente determinada pela dominação patriarcal.

Aos poucos, as mulheres foram lutando pelo espaço da escrita, assumindo sua autoria e autoridade discursiva e poética, deixando de ser apenas objeto da criação literária masculina. Assim, ao longo dos séculos XIX e XX, transgredindo padrões culturais e desafiando processos sociais, as mulheres conquistaram uma abertura que resultou no questionamento de determinados estereótipos e preconceitos em relação ao seu papel social. Essa característica é marcante em algumas obras da escritora gaúcha Lara de Lemos, nascida em Porto Alegre, em julho de 1925. Seus primeiros trabalhos literários foram publicados pela Revista do Globo: “Homem no Bar” e “Mulher Só” em 1955. Teve sua fase literária mais ativa no período de 1957 a 1995, porém, até 2006, publicou quatorze livros, participou de cinco antologias e escreveu para periódicos do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Lisboa.

Lara de Lemos integra o grupo de escritores de uma determinada região cultural, fato que intensifica sua marginalização enquanto mulher que escreve numa sociedade ainda regida por valores patriarcais. Ou seja, além da escritora ter sido marginalizada por ser mulher, o fato de pertencer a uma região, que se opõe ao centro do país, contribuiu para sua pouca divulgação e reconhecimento por parte da crítica. Em decorrência de uma tradição em que os papéis sociais restringiam a atuação da mulher ao espaço privado, predominantemente, muitas mulheres escritoras foram excluídas da história da literatura. Por isso, é importante que se resgate e que se valorize suas obras para que, evitando o seu desaparecimento, se preencha as lacunas existentes no processo histórico literário da região. Nesse trabalho, pretendo apresentar a análise das crônicas “Depois da Chuva” e “O Sorriso” da obra Histórias sem amanhã, escritas nos anos 50 do século XX, para o

jornal Correio do Povo e publicadas em livro em 1963.

O universo feminino é um dos seus temas recorrentes, o que confere à sua escrita um lugar importante na literatura de autoria feminina no Rio Grande do Sul, na medida em que seus textos representam um momento de conflito em relação ao papel da mulher na sociedade. Por um lado, observa-se a busca de libertação das amarras sociais e, por outro, a insegurança gerada pelos preconceitos ainda vigentes na primeira metade do século XX em relação ao papel social da mulher. Nesse sentido, essas inquietações femininas representadas nos textos de Lara de Lemos podem ser interpretadas como um embate entre a essência e a aparência, inerente à experiência humana.

Na crônica “Depois da chuva”, há uma tendência intimista, introspectiva, como numa viagem interior. O eixo temático é a experiência de uma mulher que questiona a sua maneira de ser, o seu estar no mundo. A personagem olha-se no espelho, depois sai para a rua redescobrendo coisas que havia esquecido. O olhar-se no espelho aponta o desejo de autoconhecimento, o qual desencadeia lembranças de quando era jovem. Em sua caminhada pelas ruas da cidade, a personagem retorna ao tempo de criança, ao mesmo tempo em que observa os pássaros, as folhas e as gotas da chuva. Pensa em sua vida, estranhando ter-se tornado o que era. Ao rememorar a adolescente que foi, querendo morrer todos os dias, surpreende-se olhando as ruas arborizadas, as calçadas limpas, as crianças brincando, as janelas semi-abertas. Sentindo-se feliz e completa, começa a cantar, morde uma maçã e “prossigue para um novo encontro com o mundo”.

O título da crônica faz uma alusão ao significado da chuva enquanto símbolo de renovação e sugere a passagem a uma nova fase da vida da personagem. A primeira fase é a da chuva, é aquela em que foi uma mulher enclausurada em si mesma, cheia de conflitos, de medos e de inseguranças. A segunda fase, depois da chuva, remete a uma mudança, em que a protagonista supera os monstros que tiravam o seu bem-estar. O momento em que cessa a chuva é um momento de renovação das esperanças da personagem em uma nova etapa de sua vida, mais livre e feliz.

No início da crônica, o narrador em terceira pessoa enfatiza que a personagem, uma mulher madura, olha-se no espelho sem mágoas, indiciando que em outras vezes que ela se olhava no espelho, sentia-se insatisfeita: “A mulher olhou-se no espelho, sem mágoa. O corpo era largo, maternal, animado de grande vitalidade. Os seios caíam um pouco, como se estivessem cansados de carregar o próprio peso durante tanto tempo” (1963, p. 12)<sup>1</sup>. A saída da protagonista para a manhã representa a saída do espaço privado para o público, evidenciando a busca da libertação de muitas mulheres no contexto dos anos 50. Segundo Carla Bassanezi, em seu livro *História das Mulheres*

---

<sup>1</sup> LEMOS, L. DE. **Histórias sem amanhã**. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963

(2001, p. 608)<sup>2</sup>, durante muito tempo, a mulher desempenhou um papel de submissão, tendo sua atuação restrita ao ambiente doméstico. Suas funções na sociedade eram o bem estar dos filhos e do marido e o bom funcionamento da casa.

O estranhamento da personagem em relação ao que se tornou com a passagem dos anos revela uma tomada de consciência de sua postura de anulação: “Distanciada, tranquila como o céu daquele instante, alto e sem nuvens. Aprendera a conviver, como se não convivesse. Amava, sem nenhuma troca, todos os seres vivos, olhando suas fraquezas, suas pequenas astúcias e até as grandes maldades, com muita indulgência” (1963, p. 13).<sup>3</sup> No entanto, o reconhecimento da sua anulação não é um motivo de contestação. O doar-se aos outros é visto como uma forma de não encerrar-se em si mesma. “Não chegara à idade fatal da filantropia”, mas dava-se com largueza e sem lamúrias, pois tinha compreendido, também, que uma pessoa pode gastar-se inutilmente encerrada em si mesma” (1963, p.13).<sup>4</sup> A referência à idade fatal da filantropia” aponta para a falta de alternativas que a idade significava para muitas mulheres. Apesar de não se sentir nessa idade, a personagem vive o impasse entre o dar-se, para não encerrar-se em si mesma, e a busca de uma fonte de realização pessoal.

A personagem reconhece que a passagem do tempo lhe possibilitou ver a vida com novos olhos:

Rememorou a adolescente que fora, tão de olhos fechados para o bom da vida, tão querendo morrer todos os dias. Olhava, agora, as ruas arborizadas, as calçadas limpas, as crianças brincando ao longo delas e as casas com suas janelas semi-abertas, deixando vislumbrar o íntimo das camas e as pessoas que passavam aos pares, abraçadas, sentindo uma nova harmonia em todas as coisas (1963, p. 13-14).<sup>5</sup>

O vislumbrar “o bom da vida” possível à personagem graças ao seu amadurecimento representa o início de uma nova etapa na vida social das mulheres, que deixam o seu espaço habitual e passam a buscar experiências novas fora da intimidade doméstica.

Considerando-se uma mulher reencontrada, compara-se a uma árvore, com suas raízes, seu tronco, suas folhas e seus frutos: “E era bom ser aquela mulher-árvore, firmemente plantada na terra. Deu de cantar: A felicidade é como uma gota de orvalho numa pétala de flor / brilha tranquila / depois de leve oscila / e cai como uma lágrima de amor” (1963, p. 14)<sup>6</sup>. A comparação com uma árvore com raízes firmes revela a autonomia conquistada pela mulher. A música cantada, cuja

---

<sup>2</sup> BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>3</sup> LEMOS, L. de. **Histórias sem amanhã**. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963

<sup>4</sup> Ibidem

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> Ibidem

temática é a felicidade, evidencia a sua satisfação e o reconhecimento da beleza e da fugacidade dos bons momentos.

No final da crônica, a protagonista aproxima-se da carroça de um verdureiro para olhar o colorido dos legumes e compra uma maçã: “Mordeu a maçã e o seu perfume, sentindo o gosto da polpa nos dentes. E prosseguiu sem rumo para um novo encontro com o mundo” (1963, p. 14)<sup>7</sup>. A mordida à maçã alude à transgressão da Eva bíblica. Como a personagem do mito cristão, a protagonista come a maçã que representa o fruto proibido. A sexualidade da mulher, por muito tempo reprimida, começa a manifestar-se, mesmo simbolicamente e no pensamento, como fonte de prazer. Portanto, pode-se dizer que a saída da personagem para a rua simboliza o rompimento com a vida cotidiana, desprovida de prazer e de realização. A crônica “Depois da chuva” representa a busca da mulher da época por novos espaços e novos papéis sociais frente aos preconceitos ainda vigentes.

Na crônica “O Sorriso”, em uma rua com lojas, uma mulher sai apressada, como se estivesse voando, para fazer algumas compras e depara-se com um homem com corpo de atleta e com uma covinha no queixo, lembrando o ator norte-americano Kirk Douglas. Sentindo-se leve e estranha, a personagem esquece a lista de compras e, no seu pensamento, entram dois namorados de mãos dadas, um sorrindo para o outro. De repente, sente-se perturbada porque percebe que o homem a segue. Em conflito e desconfortada, atravessa a rua com vontade de reestruturar-se como mulher. Tem muita vontade de ter um amor, mas, ao mesmo tempo, sente-se presa em estereótipos que foram tomando conta dela desde a infância: “Estava confusa. Atravessou a rua com uma vontade de reestruturar-se como mulher; ser curiosa, coquete, fácil. Viver um momento bom, como quem chupa uma bala, sem ligar que a doçura acabe logo. E, ao mesmo tempo, presa numa rede de preconceitos fabricados desde a infância, que aderiam a seu corpo como um vestido impossível de ser tirado” (1963, p.16).<sup>8</sup>

O medo da personagem está intimamente relacionado com as dificuldades que as mulheres sentiram para conquistarem autonomia e conseguirem satisfazer seus desejos e suas vontades. A protagonista expressa que gostaria de agir de maneira diferente, mas há um bloqueio muito forte, ela não consegue desprender-se e agir. Sente que sua vida poderia ter uma mudança, poderia viver um momento bom se não se anulasse tanto, mas justamente pelo tempo e pela intensidade que as mulheres foram discriminadas, a personagem estava confusa e não conseguia desvincular-se dos preconceitos que estavam tão arraigados em seu corpo: “O homem esperava na esquina. Bastaria

---

<sup>7</sup> Ibidem

<sup>8</sup> Ibidem

apenas fixar os olhos em promessa, mas havia neles um medo, uma covardia, uma fuga. Fez que não viu” ( 1963, p. 16).<sup>9</sup>

A mulher queria olhá-lo diretamente, fixando os olhos, porém fugia, tentava camuflar o desejo de encontrar naquele homem a realização amorosa. Ela estava vivendo um dilema: por um lado, sofria a pressão social exercida sobre as mulheres do seu tempo em relação à necessidade do casamento; por outro, não poderia demonstrar seu interesse pelo rapaz, pois essa era uma atitude condenada pela sociedade da época. A conquista só era aceita quando partisse do homem, conforme enfatiza Carla Bassanezi ao se referir a um texto retirado do *Jornal das moças*, de 1953:

Um flerte inconseqüente não prejudica o rapaz, mas encobre uma sensualidade disfarçada e pode manchar a reputação de uma moça, dizia-se às jovens nos Anos Dourados.

Além de supostamente comprometer as chances das candidatas à esposa, a prática do flerte por parte das mulheres revelava uma iniciativa feminina na conquista do homem, o que também era condenável. A iniciativa da conquista e das declarações de amor, conforme o costume, cabia ao homem (2001, p. 614).<sup>10</sup>

Apesar do conflito, havia uma “fome” de experiências que até então não faziam parte do seu cotidiano. Aquele homem configurou-se como uma possibilidade de mudança em sua vida: Embora aparentemente distraída, a moça não parava de se perguntar: ele ainda te segue; o que vais fazer? Está quase na hora de voltar para casa e ainda não compraste nada. A palavra “hora” lembrou-lhe o jantar e começou a sentir um vazio no estômago, uma fome de coisas que nunca comera ( 1963, p. 17)<sup>11</sup>.

Mesmo tentando disfarçar, seu pensamento não se desprendia do homem. Sentia-se atçada a satisfazer seu desejo e queria agir de forma diferente, porém estava presa a preconceitos impostos pela sociedade e esses falaram mais alto:

Como o homem estivesse muito próximo, resolveu entrar num edifício cinza, que se abria na sua frente. Tomou o elevador e foi até o último andar. Lá ficou pelos corredores, num caminhar fingir, à procura de nada.

- Bem, agora ele já deve ter ido embora. E postou-se diante da porta do elevador, em aflita espera. No íntimo, desejava que ele ainda estivesse. Procurava manter a força anterior, mas se diluía em arrependimento” ( 1963, p. 17).<sup>12</sup>

A entrada em um edifício cinza reforça simbolicamente a indefinição da protagonista em relação ao modo de proceder. A cor cinzenta sugere a mistura de sentimentos que se contrapõem,

---

<sup>9</sup> Ibidem

<sup>10</sup> BASSANEZI, C. **Mulheres dos anos dourados**. In: PRIORE, M. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>11</sup> LEMOS, L. de. **Histórias sem amanhã**. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963

<sup>12</sup> Ibidem

como o preto e o branco, cores que formam o cinza. A subida ao último andar e o caminhar para o nada são índices da ansiedade na qual a personagem estava mergulhada. Estava com muitas dúvidas, mas no íntimo não queria perdê-lo de vista. A coragem de agir ressurgia e desaparecia, até que:

Quando o elevador abriu-se, lá estava ele aguardando na porta do edifício. Sorriu. O moço também sorriu. Um sorriso tímido de gente de fora, com enormes dentes de ouro, que brilhavam com um certo exagero, entre dois caninos amarelados. Um pequeno horror percorreu o corpo da moça. Passou por ele rápida, fria, inalcançável (1963, p. 17).<sup>13</sup>

Enfim, ela consegue agir e toma a iniciativa sorrindo para o homem. No entanto, decepciona-se, pois o seu sorriso não corresponde à sua expectativa. O sorriso que poderia ser uma forma de aproximação acabou sendo o motivo do afastamento, da repulsa. Os dentes de ouro entre dois caninos amarelados desapontam a mulher porque desconstruem a imagem de homem perfeito que vira nele quando o encontrara inicialmente. Não só a imagem idealizada do homem é desconstruída, mas principalmente o sonho de realização amorosa de uma mulher que continuava solteira: “E prosseguiu apagada para um amanhã sem nenhuma esperança, sentindo o agudo desconforto de uma mulher solteira todos os dias” (1963, p. 17).<sup>14</sup>

O objetivo principal das mulheres da época representada na crônica de Lara de Lemos era o casamento. Ficar solteira era uma situação socialmente inaceitável para os padrões da década de 50 e início dos anos 60. “O sorriso” revela o conflito e o sofrimento das mulheres que, constrangidas a casar para atender aos padrões de comportamento feminino esperados pela sociedade, ainda não vislumbravam a possibilidade de construir uma vida mais autônoma e voltada para si mesmas.

Nessa perspectiva, Bassanezi ressalta que o grande medo da maioria das moças era ficar solteira. O problema não era apenas a solidão, às mulheres “de família” não era permitido amenizá-la com aventuras amorosas ocasionais, teriam de se preocupar também com o seu sustento já que, sem marido, iriam se tornar um peso à família e sofreriam com o estigma de não terem cumprido com o destino feminino. Segundo a autora, uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como “encalhada” e, aos 25 anos, era considerada uma “solteirona” (2001, p. 619).<sup>15</sup>

O final da crônica “O sorriso” está relacionado com o título da obra *Histórias sem amanhã*.

---

<sup>13</sup> Ibidem

<sup>14</sup> LEMOS, L. de. **Histórias sem amanhã**. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963

<sup>15</sup> BASSANEZI, C. **Mulheres dos anos dourados**. In: PRIORE, M. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

A personagem cria muitas expectativas, vislumbra dias melhores, mas isso não acontece, na medida em que ela continua vivendo o drama de ser uma mulher solteira em uma sociedade que define o casamento como única possibilidade de futuro digno para as mulheres. Para Bassanezi, isso não quer dizer que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando as suas atitudes e pensando em suas escolhas (2001, p.608).<sup>16</sup>

As crônicas analisadas permitiram verificar que Lara de Lemos reflete sobre a condição feminina da época em que escreveu ao representar mulheres que, embora condicionadas pelo modelo patriarcal da sociedade, manifestam um desejo de mudança. A personagem de “Depois da chuva” representa a mulher madura que, tendo cumprido seu papel de mãe e esposa, busca libertar-se sexualmente, o que é sugerido pela mordida à maçã. Já a protagonista de “O sorriso” tem sua tentativa de libertação frustrada, porque, na verdade, ainda está presa aos preconceitos de sua época em relação ao comportamento feminino. Ambas vivenciam o conflito entre o que são e o que a sociedade espera que elas sejam, no entanto, somente a primeira personagem parece encontrar uma saída para o seu impasse. Assim, podemos concluir que o embate entre a essência e a aparência, inerente à experiência humana, está representado nessas crônicas de Lara de Lemos.

---

<sup>16</sup> Ibidem